

# COM OS PÉS NA TERRA E AS MÃOS NO MAR

6000 ANOS  
DE HISTÓRIA  
DE QUARTEIRA



**loulé**  
Aqui e Agora

MUSEU  
MUNICIPAL  
LOULÉ



# COM OS PÉS NA TERRA E AS MÃOS NO MAR

6000 ANOS  
DE HISTÓRIA  
DE QUARTEIRA

**loulé**  
Aqui e Agora

MUSEU  
MUNICIPAL  
LOULÉ



# FICHA TÉCNICA

## CATÁLOGO

### COORDENAÇÃO EDITORIAL

Rui Parreira  
Rui Roberto de Almeida  
Alexandra Pires  
Dália Paulo  
Ana Rosa Sousa

### REVISÃO EDITORIAL

Rui Roberto de Almeida  
Alexandra Pires  
Rui Parreira  
Daniel Norte Giebels

### TEXTOS

Alexandra Pires  
Ana Cláudia Silveira  
Ana Luisa Santos  
Ana Pratas  
Ana Ramos-Pereira  
Ana Rosa Sousa  
Andreia Fidalgo  
Aurélio Cabrita  
Cândida Simplicio  
Carlos Pereira  
Catarina Viegas  
Carlos Oliveira  
Cristóvão Almeida  
Dália Paulo  
Daniel Norte Giebels  
Felix Teichner  
Felizardo Pinto  
Filipe Henriques  
Isabel Inácio  
João Costa  
João Pedro Bernardes  
João Sabóia  
Leonor Rocha  
Luís Filipe Oliveira  
Luísa Martins  
Margarida Lucas  
Nuno Vila-Santa  
Patrícia Batista

Pedro Barros  
Rui Roberto de Almeida  
Rui Parreira  
Sebastião Braz Teixeira  
Susana de Sousa  
Susana Lobo  
Tânia Rodrigues  
Teresa Valente

### FOTOGRAFIA

Helga Serôdio  
João Serrão  
Luís Campos Paulo  
Paulo Sotero

### ILUSTRAÇÃO

Ana Álvaro López  
Rui Roberto de Almeida  
Susana Melo

### CRÉDITOS DAS IMAGENS

Agência Portuguesa do Ambiente  
Archaeological Survey of India  
Arquivo Diário de Notícias  
Arquivo Distrital de Faro  
Arquivo Geral da Universidade  
do Algarve  
Arquivo Municipal de Loulé  
Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Biblioteca Central de Marinha •  
Arquivo Histórico  
Biblioteca de Arte • Fundação  
Calouste Gulbenkian  
Biblioteca de El Escorial  
Biblioteca de Extremadura  
Biblioteca Nacional de Portugal  
Bibliothèque Nationale de France  
Câmara Municipal de Évora  
Câmara Municipal de Loulé  
Centro Português de Fotografia  
CP-Comboios de Portugal E.P.E. •  
Arquivo

Direção de Infraestruturas do Exército  
Direção-Geral do Património Cultural •  
Sistema de Informação para  
o Património Arquitetónico (SIPA)  
Direção Geral do Território  
Hemeroteca Digital do Algarve  
Library of Congress • Geography and  
Map Division, Washington, D.C.  
Lusotur / Vilamoura World  
Museu Nacional de Arqueologia  
Museu Nacional de Etnologia  
Ordem dos Arquitetos  
Região de Turismo do Algarve

### DESIGN GRÁFICO

TVM Designers

### IMPRESSÃO

ACD Print S.A.

**TIRAGEM** 500 exemplares

**ISBN** 978-989-8978-46-2

**DEPÓSITO LEGAL** 547140/25

### IMAGEM DA CAPA

Pescadores carregando caixas de  
peixe para venda. Década de 1960.  
(Câmara Municipal de Cascais.  
Museu da Música Portuguesa-Casa  
Verdades de Faria | Coleção Michel  
Giacometti-1864-01)(imagem melhorada)

O cumprimento do acordo ortográfico  
de 1990 foi livre opção de cada autor.  
Os autores são responsáveis pelos  
seus originais, respeitando a Câmara  
Municipal de Loulé a sua autoria e  
não sendo responsável por quaisquer  
elementos que, de alguma forma,  
possam prejudicar terceiros.

© Câmara Municipal de Loulé, 2025

## EXPOSIÇÃO

### ORGANIZAÇÃO

Câmara Municipal de Loulé •  
Museu Municipal de Loulé  
Junta de Freguesia de Quarteira  
Direção-Geral do Património Cultural •  
Museu Nacional  
de Arqueologia  
Direção Regional de Cultura  
do Algarve

### CEDÊNCIA DO ESPAÇO

DOCAPESCA

### COORDENAÇÃO GERAL

Dália Paulo  
Ana Rosa Sousa

### COMISSÁRIO-GERAL

Rui Parreira

### COMISSÃO EXECUTIVA

Alexandra Pires  
Rui Roberto de Almeida

### COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandra Pires  
Ana Ramos-Pereira  
António Carvalho  
Catarina Viegas  
Isabel Inácio  
João Pedro Bernardes  
João Sabóia  
Luísa Martins  
Luís Filipe Oliveira  
Patrícia Batista  
Pedro Barros  
Rui Roberto de Almeida

### CONSELHO CONSULTIVO

Conceição Bernardes  
Daniel Norte Giebels  
Felizardo Pinto

Gabriel Almeida  
Gilberta Alambre  
Isidoro Correia  
João Carlos Santos  
José Guerreiro  
Luísa Pontes  
Nuno Graça  
Susana Gama  
Telmo Pinto  
Teresa Paulino

### INVESTIGADORES

Daniel Norte Giebels  
Marco Sousa Santos  
Noé Conejo Delgado  
Pedro Lino

### COLABORADORES

Ana Pratas  
Filipe Henriques  
Padre José Joaquim Campôa  
Padre Miguel Neto  
Pedro Coelho  
Scott Bennett  
Sónia Neves

### PROJETO MUSEOGRÁFICO, DE AMBIENTES, COMUNICAÇÃO E ILUMINAÇÃO

P-06 studio  
Nuno Gusmão, Diretor Criativo  
Jacinta Fialho, Designer  
Vanda Mota, Designer

### PROJETO MULTIMÉDIA ANIMAÇÃO DIGITAL

byAR  
Pedro Pereira, Diretor Criativo  
Alexandra Allen, Ilustração e Animação  
Bruno Dias, Instalação multimédia  
Mafalda Barros, Organização  
de conteúdos

Ricardo Adrêgo, Ilustração e Animação  
Ruben Rebelo, Desenvolvimento  
de *software*  
Teresa Monteiro, Design digital  
e ilustração  
Yigit Bireroglu, Desenvolvimento  
de *software*

### PRODUÇÃO E MONTAGEM

Stripeline, Lda.

### INVENTÁRIO E CORPUS EXPOSITIVO

Alexandra Pires  
Ana Pratas  
Helena Miguel  
Helga Serôdio  
Filipe Henriques  
Lígia Laginha  
Margarida Marques  
Paula Policarpo  
Rui Roberto de Almeida  
Soraia Martins  
Susana Brás

### SIG E BASE CARTOGRÁFICA

Ana Matos Lima  
Ana Ramos-Pereira  
André D. Gomes  
António Alves  
Câmara Municipal de Albufeira  
Catarina Martins  
Pedro Barros

### CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Adriana Guerreiro  
Ana Rita Vaza  
Antonieta Canteiro  
Maria João Catarino  
Paula Guerreiro  
Regina Rodrigues  
Telma Santos

#### **APOIO TÉCNICO**

Ana Maria André  
Catarina Ruiz  
Daniela Martins  
Hugo Guerreiro  
Hugo Nunes Guerreiro  
João Serrão  
José Branco  
Julieta Caetano  
Luís Resende  
Margarida Pereira  
Orlando Lourenço  
Pedro Laginha  
Susana Brás

#### **FOTOGRAFIA**

Ana Baião • Arquivo Diário de Notícias  
António Passaporte (Loty) •  
Museu Municipal de Loulé  
António Vitorino Encarnação •  
Museu Municipal de Loulé  
Artur Pastor • Arquivo Fotográfico  
de Lisboa  
Bruno Peres • Arquivo Diário de Notícias  
Centro de Informação Geoespacial  
do Exército  
CP-Comboios de Portugal E.P.E. •  
Arquivo  
Daniel Castro • Museu Municipal  
de Loulé  
David de Freitas • Arquivo Fotográfico  
da Câmara Municipal de Évora  
Deodato dos Santos Jacinto  
Direção-Geral do Território  
Eduardo Tomé • Arquivo Diário  
de Notícias  
Fernando Farinha • Arquivo Diário  
de Notícias  
Fernando Mendes  
Foto Arnaldo • Museu Municipal de Loulé  
Francisco Sousa Olival • Museu  
Municipal de Loulé

Frederico George • Sistema de  
Informação para o Património  
Arquitetónico  
Jornal A Voz de Loulé • Museu Municipal  
de Loulé  
José Encarnação • Museu Municipal  
de Loulé  
José João Costa Mendonça • Museu  
Municipal de Loulé  
Luís Saraiva • Arquivo Diário de Notícias  
Maria Rodrigues Dias • Museu Municipal  
de Loulé  
Michel Giacometti • Museu da Música  
Portuguesa/Casa Verdades de Faria  
Museu Municipal de Loulé  
Nuno Graça  
Ordem dos Arquitetos  
Pedro Sousa Dias • Arquivo Diário  
de Notícias  
Região de Turismo do Algarve  
Tavares da Fonseca • Centro  
Português de Fotografia  
Teresa Menalha e Carlos Gravata  
Zambrano Gomes

#### **ILUSTRAÇÃO**

Ana Álvaro López  
byAR  
Carlos Oliveira  
Felix Teichner  
José Luís Madeira  
Rui Roberto de Almeida  
Susana Melro

#### **FOTOGRAMETRIA**

Paulo Beirão, Concexpla

#### **TEXTOS**

Alexandra Pires  
Ana Ramos-Pereira  
Ana Rosa Sousa  
Catarina Viegas

Dália Paulo  
Isabel Inácio  
João Pedro Bernardes  
João Saboia  
Luísa Martins  
Luís Filipe Oliveira  
Pedro Barros  
Rui Parreira  
Rui Roberto de Almeida

#### **REVISÃO DE TEXTOS**

Alexandra Pires  
Ana Rosa Sousa  
Dália Paulo  
Rui Parreira  
Rui Roberto de Almeida

#### **TRANSCRIÇÕES**

João Sabóia  
Luísa Martins

#### **TRADUÇÕES**

Inpokulis

#### **ENTIDADES EMPRESTADORAS**

Agência Portuguesa do Ambiente  
Arquivo Contemporâneo do Ministério  
das Finanças  
Arquivo da Direção de Infra-Estruturas  
do Exército  
Arquivo Diário de Notícias - Global Media  
Groups  
Arquivo Distrital de Faro  
Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal  
de Évora  
Arquivo CP-Comboios de Portugal E.P.E.  
Arquivo Histórico Militar do Exército  
Português  
Arquivo Nacional Torre do Tombo  
Arquivo Municipal de Faro  
Arquivo Municipal de Lisboa

Arquivo Municipal de Loulé  
Arquivo Municipal de Mafra  
Biblioteca Central de Marinha •  
Arquivo Histórico  
Biblioteca Digital do Exército •  
Gabinete de Estudos Arqueológicos  
da Engenharia Militar/Direção  
de Infraestruturas do Exército  
Biblioteca Nacional de Espanha  
Biblioteca Nacional de Portugal  
Bibliothèque Nationale de France  
Câmara Municipal de Cascais •  
Museu da Música Portuguesa •  
Fundação D. Luís I  
Cartoteca do Instituto Hidrográfico  
Centro Português de Fotografia  
Cinemateca Portuguesa/Museu  
do Cinema  
Delegação Marítima de Quarteira  
Direção-Geral do Património Cultural  
Direção-Geral do Território  
Fundação Manuel Viegas Guerreiro  
Hemeroteca Digital do Algarve  
Centro de Informação Geoespacial  
do Exército  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda  
Instituto Geográfico Português  
Instituto Português do Mar e da  
Atmosfera  
Junta de Freguesia de Quarteira  
Library of Congress • Geography and  
Map Division, Washington, D.C.  
Museu e Ruínas do Cerro da Vila •  
Vilamoura World  
Museu da Música Portuguesa  
Museu do Traje de São Brás de Alportel  
Museu Municipal de Arqueologia de  
Albufeira  
Museu Nacional de Arqueologia  
Ordem dos Arquitetos

Paróquia de Quarteira  
Paróquia de Tavira  
QUARPESCA - Associação de Armadores  
e Pescadores de Quarteira  
Região de Turismo do Algarve  
RTP – Rádio Televisão Portuguesa  
SIPA – Sistema de Informação para o  
Património Arquitetónico  
Universidade do Algarve

#### SEGURADORA

Generali Seguros S.A.

#### PROJETO DE ARQUITETURA

Maider Neto, Arquitetura e Engenharia

#### REMODELAÇÃO DO EDIFÍCIO

Colbat – Construção Civil, Lda.

#### MEDIAÇÃO CULTURAL E SERVIÇO EDUCATIVO

Alexandra Pires  
Ana Carolina Coelho  
Daniel Norte Giebels  
Jéssica Botelho  
Ricardina Inácio  
Rui Roberto de Almeida

#### SECRETARIADO

Cláudia Virote  
Rosa Custódio  
Zenaida Rodrigues

#### PROPRIETÁRIOS E DOADORES

Abílio Santos  
Aldemiro Martins Bento  
Álvaro Bota Guia  
António Vitorino Encarnação  
Armando Amaro  
Deodato dos Santos Jacinto  
Domitília Gonçalves Mendes  
Elizabete Santos

Felizardo Pinto  
Fernando Manuel Bento Guerreiro  
Florindo Cláudio Bota  
Gilberta Alambre  
Isidoro Correia  
João Carlos Santos  
João Faria  
Jorge Abrantes  
José Carlos Dias  
José Pedro Medeiros  
Júlio Fantasia  
Luís Guerreiro e Cristina Guerreiro  
Luís Tomás  
Maria Octávia Tomás  
Maria Vitória Mendonça  
Nuno Graça  
Olga Alambre Faísca  
Prazeres Santos  
Rogério Espada  
Rui Pinto  
Tânia Fernandes  
Teresa Menalha e Carlos Gravata  
Teresa Paulino

#### DEPOIMENTOS

Fátima Catarina Coelho  
José Apolinário  
Maria Vitória Mendonça  
Paulo Viegas  
Sebastião Braz Teixeira  
Solange Guerreiro

## ÍNDICE

|                                                                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>ESTA HISTÓRIA QUE VOS DEIXAMOS:<br/>UM HINO A QUARTEIRA E ÀS SUAS GENTES<br/>AO LONGO DE 6000 ANOS</b> | 10 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

VÍTOR ALEIXO | Presidente da Câmara Municipal de Loulé

|                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>QUANDO O SONHO SE MATERIALIZA,<br/>NASCE UMA EXPOSIÇÃO QUE<br/>É UM ABRAÇO A QUARTEIRA!</b> | 16 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

RUI PARREIRA | DÁLIA PAULO | ALEXANDRA PIRES  
RUI ROBERTO DE ALMEIDA | ANA ROSA SOUSA

|                                                  |    |
|--------------------------------------------------|----|
| <b>TERRITÓRIO: EVOLUÇÃO /<br/>CARACTERIZAÇÃO</b> | 27 |
|--------------------------------------------------|----|

|                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------|----|
| Quarteira: dos últimos 6000 anos à atualidade<br>ANA RAMOS-PEREIRA | 28 |
|--------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                                        |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| A costa de Quarteira desde há 9000 anos:<br>passado e presente. Que futuro?<br>SEBASTIÃO BRAZ TEIXEIRA | 48 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                                                                |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| A paisagem cultural marítima do «Mar de Quarteira»:<br>entre marcas de pesca e a arqueologia<br>PEDRO BARROS   FELIZARDO PINTO | 60 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Núcleo urbano antigo e expansão de Quarteira:<br>da origem à primeira tentativa de ordenamento urbanístico<br>TERESA VALENTE   TÂNIA RODRIGUES | 94 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                     |     |
|-----------------------------------------------------|-----|
| Vilamoura: uma cidade para o turismo<br>SUSANA LOBO | 108 |
|-----------------------------------------------------|-----|



|                                                                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>PRÉ-HISTÓRIA HOLOCÉNICA<br/>E PROTO-HISTÓRIA<br/>(4000 a.C. – 125 a.C.)</b>                                                  | 125 |
| Os primeiros povoadores do território de Quarteira<br>RUI PARREIRA                                                              | 126 |
| Há muito tempo atrás quando, na Praia do Forte Novo<br>(Quarteira, Loulé), viveu uma comunidade neolítica<br>LEONOR ROCHA       | 138 |
| Vinha do Casão: apenas uma necrópole<br>da Idade do Bronze no litoral algarvio?<br>CARLOS OLIVEIRA                              | 150 |
| <b>ENTRE A ÉPOCA ROMANA<br/>E A ANTIGUIDADE TARDIA<br/>(125 a.C. – 712)</b>                                                     | 163 |
| Quarteira Romana<br>JOÃO PEDRO BERNARDES                                                                                        | 164 |
| «Quarteira Submersa»: um sítio romano de vocação marítima<br>no litoral algarvio<br>CÂNDIDA SIMPLÍCIO   PEDRO BARROS            | 180 |
| Exploração de recursos da terra e do mar<br>e relações comerciais no território de Quarteira<br>CATARINA VIEGAS                 | 200 |
| Cerro da Vila – Centro da economia marítima romana<br>na Ribeira de Quarteira<br>FELIX TEICHNER                                 | 222 |
| Habitar no Cerro da Vila ao tempo dos romanos:<br>evidências materiais do quotidiano<br>FILIPE HENRIQUES   ANA PRATAS           | 238 |
| Apontamentos sobre os espaços funerários romanos<br>de Cerro da Vila (Vilamoura, Loulé)<br>CARLOS PEREIRA                       | 254 |
| Os indivíduos exumados da necrópole de Cerro da Vila<br>ANA LUÍSA SANTOS   MARGARIDA LUCAS                                      | 268 |
| Loulé Velho entre a terra e o mar.<br>Resgatando um sítio romano quase desaparecido<br>RUI ROBERTO DE ALMEIDA   CATARINA VIEGAS | 280 |

**ENTRE A ÉPOCA ISLÂMICA  
E OS INÍCIOS DO REINO DO ALGARVE** 307  
(712 – 1249[?])

O território de Quarteira em época islâmica 308  
ISABEL INÁCIO

**DA APROPRIAÇÃO AFONSINA  
À FORMAÇÃO DO MORGADO** 319  
(1249[?]/1266 – 1413/1503)

De Quarteira a Farrovilhas: o litoral de Loulé na época medieval 320  
LUÍS FILIPE OLIVEIRA

O espaço agropecuário de Quarteira na Baixa Idade Média 340  
CRISTÓVÃO DE ALMEIDA

Recursos e potencialidades do litoral de Quarteira na Idade Média 352  
ANA CLÁUDIA SILVEIRA

Quarteira. De reguengo a morgado. 370  
A construção de um espaço com identidade  
JOÃO COSTA

**DA FORMAÇÃO DO MORGADO  
À CRIAÇÃO DA FREGUESIA** 383  
(1413/1503 – 1916)

Quarteira: de terras senhoriais a paróquia civil (1413-1916) – 384  
território, economia e sociedade  
DANIEL NORTE GIEBELS

O morgado de Quarteira e afirmação da casa dos Barretos 418  
NUNO VILA-SANTA

Ao mar e à terra: a economia quarteirense 430  
entre os séculos XVI e XVIII  
ANDREIA FIDALGO

Vigia da costa do concelho de Loulé 446  
JOÃO SABOIA

A população de Quarteira no século XVIII 458  
SUSANA DE SOUSA

|                                                                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>DO TEMPO DOS NOSSOS AVÓS<br/>À ELEVAÇÃO A CIDADE<br/>(1916 – ATUALIDADE)</b>                               | 475 |
| Quarteira, de uma breve imagem desde o século XVIII<br>até à pintura multicolor do século XX<br>LUÍSA MARTINS | 476 |
| Subsídios para a história da pesca e dos pescadores<br>em Quarteira no século XX<br>AURÉLIO CABRITA           | 502 |
| A Praia de Quarteira: veraneio e democratização do lazer<br>PATRÍCIA BATISTA                                  | 526 |
| <b>VIAGEM PELA IMAGEM<br/>100 ANOS A OLHAR QUARTEIRA</b><br>SELEÇÃO FOTOGRÁFICA COORDENADA POR NUNO GRAÇA     | 539 |
| <b>CATÁLOGO</b>                                                                                               | 633 |
| Território                                                                                                    | 634 |
| Ocupar e Viver                                                                                                | 640 |
| Explorar a Terra                                                                                              | 656 |
| Explorar o Mar                                                                                                | 668 |

# APONTAMENTOS SOBRE OS ESPAÇOS FUNERÁRIOS ROMANOS DE CERRO DA VILA (VILAMOURA, LOULÉ)

**CARLOS PEREIRA**

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE  
DE MADRID

## 1. INTRODUÇÃO

Ao contrário de outros sítios arqueológicos do Algarve, a *villa* romana do Cerro da Vila não se conhece desde há longa data, mas oferece ao visitante um conjunto de ruínas imponente e dá um vislumbre da riqueza que os edifícios outrora ostentaram. O mesmo não se pode afirmar sobre as suas necrópoles. Ainda que estes espaços fossem construídos para serem vistos, não se pode extrapolar a complexidade social e demográfica das urbes para o campo. Eram espaços sagrados, de veneração e frequência, mas que deixaram vestígios ocultos.

Apesar de o estado actual do conhecimento das necrópoles de Cerro da Vila ser considerável, muito devido aos trabalhos de José Luís de Matos, o investimento e atenção dados a estes contextos foram muito modestos. É possível delinear uma leitura genérica dos espaços e edifícios funerários, mas acreditamos que uma análise detalhada e metódica de todos os documentos de campo, contextos e artefactos poderia trazer a debate novos dados e novas leituras.

Nestas breves linhas compila-se a informação conhecida, dando-lhe um entendimento evolutivo dentro do quadro geral conhecido para os sítios de ocupação romana do Algarve. Destacamos igualmente alguns detalhes que nos parecem relevantes e que são reveladores dos rituais e processos ritualizados de época romana. Apesar de algumas particularidades parecerem inéditas, justificadas por questões topográficas ou sociais, Cerro da Vila revela que seguia os usos e costumes da época, tal como fica patente nesta exposição. Como dissemos, um estudo aprofundado pode, contudo, revelar matizes ao que aqui se expõe.



## 2. OS MAUSOLÉUS E AS NECRÓPOLES

Embora o sítio fosse conhecido desde a década de 60 do século XX, somente a partir de 1984 é que os contextos funerários da *villa* foram investigados. É a José Luís de Matos que devemos a descoberta e escavação dos mausoléus e da necrópole, nos quais interveio entre 1984 e 1987.

No primeiro ano, identificou um mausoléu, que se supõe ser o que está localizado próximo da *pars urbana* (Pereira 2018: 381), tendo igualmente colocado a descoberto um considerável número de sepulturas de inumação, cerca de três dezenas (Matos 1984). Todavia não é clara a área exacta onde decorreu esta intervenção próxima ao mausoléu (Figura 1), assumindo-se que os enterramentos mencionados devam corresponder a parte dos que se localizam nas imediações do edifício J (veja-se Teichner 2005: 90, Fig. 2). Com efeito, estas são as únicas sepulturas conhecidas nessa área e correspondem a realidades consideravelmente mais tardias.

A principal necrópole da *villa* (Figura 1) foi descoberta no ano seguinte, em 1985, tendo sido colocados a descoberto 26 enterramentos romanos (Matos 1985). A partir desse momento, J. Luís de Matos centrou os esforços para concretizar a escavação integral da necrópole, motivo pelo qual voltaria a intervir no local no ano seguinte (Matos 1987). Nessa nova intervenção registou 13 novos enterramentos, o que, em conjunto, permitiu identificar um total de 69 sepulcros. Nesse ano identificou ainda uma estrutura maciça, de planta quadrangular, que também interpretou como mausoléu (Matos 1984-1988: 120).

Em 1987, a área anexa ao mencionado mausoléu foi alargada, tendo sido reconhecido um novo conjunto de quatro sepulturas (Matos 1988), mas num estado de conservação bastante deficitário, o que pressagiava que, nessa área, a necrópole não se conservaria, ou que se estaria já próximo de um dos seus limites. A partir deste momento, as intervenções efectuadas nas áreas funerárias do sítio parecem ter abrandado consideravelmente. Apesar disso, no relatório da campanha de 1990 (Matos 1991) ainda se mencionou a descoberta de algumas sepulturas, sem que se refira, contudo, a quantidade ou a localização exacta.

No novo século foram descobertas outras sepulturas, no âmbito do projecto «Ocupação rural do Sul da província romana de Lusitânia» (Teichner 2006: 71), que estavam disseminadas pela área ocupada do sítio. A sua presença nesses locais, concretamente as que se concentravam próximo ao edifício J, indica tratar-se de enterramentos tardios (Teichner 2008: 399) e que se podem relacionar com as que tinham sido mencionadas por



**FIGURA 1**  
 Planta da villa romana  
 do Cerro da Vila.  
 (segundo Teichner 2017: 405,  
 Fig. 3, modificada)

Luís de Matos (Pereira 2018: 381). Igualmente relevante é a eventual presença de um novo edifício de culto na *villa* (Teichner 2008: 399), situação que justificaria este novo espaço da morte durante a Antiguidade Tardia.

Como se pode constatar, resumem-se em poucas linhas as intervenções concretizadas no sítio que permitiram a identificação de contextos funerários. Com efeito, temos poucos dados para reconstruir a evolução dos trabalhos e menos ainda aqueles que nos permitem determinar a situação crono-espacial das sepulturas. Da mesma forma, desconhecemos que artefactos ou arquitecturas estavam associados a cada uma delas.

Mais determinante é a situação espacial das necrópoles e edifícios funerários. Até ao momento temos, pois, conhecimento de pelo menos duas necrópoles e dois edifícios funerários. A necrópole principal do sítio localiza-se a nordeste da área ocupada, local onde se edificou também um dos mausoléus. De momento não é ainda claro quais os limites da necrópole, dos seus níveis de circulação ou se terão sobrevivido memoriais conservados. Outra necrópole, da qual temos ainda poucas informações, está localizada na área central, coincidindo também com a presença de um mausoléu.

Do conjunto destaca-se sobretudo o facto de todos os espaços funerários estarem a nordeste da *pars urbana*, em área relativamente próxima. Esta situação está justificada pela orografia e pela proximidade do paleoestuário da Ribeira de Quarteira (Teichner 2006: 71), que limitava as opções de implantação dos espaços funerários da *villa* e que deveriam coexistir com outros equipamentos. Lembramos que já foi sugerido que a via de acesso à *villa* deveria passar igualmente por esta zona, atravessando-a (Teichner 2017: 407, Fig. 12; 2020: 554).

### 3. A LEITURA POSSÍVEL

Conquanto os dados disponíveis não permitam grandes ilações acerca das disposições na morte ou antropologia, análises concretas de espólio funerário, género ou culto, somente serão possíveis com futuros trabalhos de investigação destes contextos. Apesar disso, e tendo sempre em conta que lidamos com informações muito incompletas, os dados consentem alguns comentários.

Sobressai o facto de a tipologia das sepulturas da necrópole ser idêntica àquela que vem sendo reconhecida nos restantes sítios algarvios (Pereira 2018) e que é transversal ao mundo romano. Uma arquitectura, acima de tudo, simples, que parece ser comum nos limites do Império (Chioffi 2005). Todavia, é uma arquitectura que, se for associada à aparente ausência de mobiliário funerário, remete para uma realidade consideravelmente tardia, concretamente dos séculos II a V, quiçá VI d.C. Neste sentido falam também as sepulturas realizadas com lajes de pedra, seladas com o mesmo material, que são, ainda assim, aparentemente raras. Se a isto somarmos o facto de estarmos supostamente perante uma necrópole que acolheu de forma quase exclusiva inumações, vê-se reforçada a eventualidade de este espaço se ter formado em momento avançado da ocupação. Mas o silêncio ou poucas menções nos relatórios das intervenções sobre o mobiliário funerário pode ser ilusório.

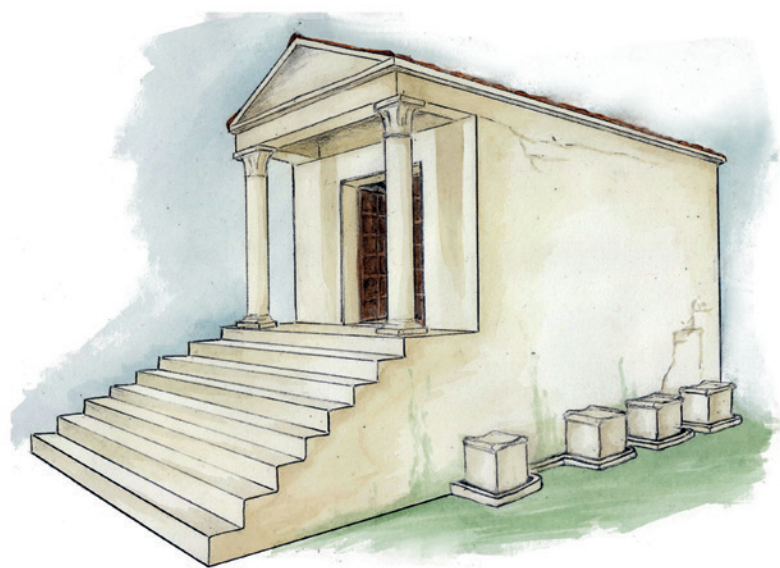
Com maior desenvoltura podemos esboçar uma perspectiva evolutiva mais ou menos detalhada dos espaços funerários de Cerro da Vila. A evolução dos espaços da morte nesta *villa*, embora se possa assemelhar ao de outras do Algarve, apresenta alguns dados interessantes. Desde logo chama a atenção a presença de edifícios funerários monumentais, os mausoléus (Matos 1984-1988), que deveriam estar destinados aos proprietários da *villa*, pelo menos o que lhe está mais próximo. Este mausoléu, de tipo templo, é idêntico ao da *villa* romana de Milreu. Trata-se de uma edificação maciça, de planta rectangular, com elevados alçados e um *podium*. O acesso era realizado através de escadaria localizada no lado oeste (Figura 2) e que ocupa todo o alçado (Teichner 2008: 403, Abb. 230). No entanto, é consideravelmente mais pequeno que o de Milreu. A maioria destes edifícios ostenta uma planta quadrada, ou mais frequentemente rectangular, sem qualquer abertura (Ruiz Osuna 2009: 287), sendo geralmente considerados monumentos eminentemente honoríficos (Hesberg 1994: 93). Tal como em Milreu, a sua função funerária fica comprovada pela existência de uma câmara na metade este do edifício, com vários *loculi* destinados a albergar as urnas cinerárias (Matos 1984-1988: 119).

Todavia, a forma e a dimensão original deste edifício seria outra. José L. de Matos alertou para o facto de a estratigrafia da arquitectura denunciar uma profunda alteração desde o primitivo edifício. Apoiando-se sobretudo na presença dos nichos no centro da estrutura, sugere que inicialmente integrasse a tipologia dos columbários (Matos 1984-1988). F. Teichner apoia esta leitura faseada do mausoléu, sem, contudo, aceitar plenamente a possibilidade de corresponder a um columbário. O investigador alemão também viu duas fases construtivas no edifício: uma correspondente à construção primitiva, de forma quadrangular; outra correspondente à monumentalização do mausoléu, a qual se divide por sua vez em duas subfases (Teichner 2008: 403).

Com efeito, o monumento primitivo poderia corresponder a um mausoléu torre em forma de edícula, idêntico a um dos identificados na *villa* romana de Pisões (Pereira, Soares e Soares 2013). Não é impossível que a transformação do edifício tenha sido favorecida pelo facto de ter estado, num primeiro momento (quando tinha forma de edícula), destinado apenas a um enterramento, enquanto a nova tipologia lhe permitia a acomodação de um número mais elevado de urnas cinerárias, colocadas nos vários nichos identificados. Independentemente da tipologia, esta edificação deverá ter funcionado, pelo menos, durante todo o século II d.C., podendo admitir-se, igualmente, que tenha sido utilizada ainda durante a centúria seguinte. É possível que a partir desse momento este edifício tenha deixado de ser utilizado, mas deverá ter sido mantido como culto e memória dos predecessores.

Atendendo ao que foi exposto, parece razoável assumir que este mausoléu esteve em funções, pelo menos, durante as fases B e C estabelecidas nos estudos de F. Teichner (2008: 278 e ss.; 2017: 421 e ss.). Apesar disso, devemos lembrar que a fase A, correspondente ao momento balizado entre o principado de Augusto e o início da dinastia dos Flávios, é a menos conhecida, não sendo improvável que o mausoléu já existisse em algum momento indeterminado desta etapa.

A mesma consideração pode ser tida para a necrópole principal do aglomerado, que, tendo início num momento relativamente sincrónico ao do mausoléu, foi sendo paulatinamente utilizada durante um longo período. A relação entre ambos é, aparentemente, de



**FIGURA 2**  
Reconstituição hipotética do  
Mausoléu em forma de templo.  
(segundo Teichner 2008: 403, Abb. 230)

fácil entendimento. Enquanto o mausoléu era utilizado pela elite proprietária da *villa*, a restante comunidade fazia-se sepultar em área localizada a nordeste, mais afastada da *pars urbana*. Atípica é a parca existência de sepulturas de incineração, sobretudo se considerarmos uma eventual contemporaneidade entre a necrópole e o mausoléu, mas cuja minoria pode estar relacionada com uma eventual diferenciação social, de vontades, ou mesmo cultural. Aliás, esta situação não é inédita no Algarve, tendo-se registado a mesma diferenciação de espaços da morte e de ritos na *villa* romana de Milreu (Pereira 2018: 360 e ss.). Apesar disso, os mais recentes trabalhos feitos no local permitiram a identificação de alguns contextos que foram relacionados com fossas de incineração (Teichner 2020: 554).

Esta necrópole deverá ter estado em funcionamento até ao século V ou VI d.C., o que fica comprovado pela existência, densa, de sepulturas com tipologias extensíveis até à última centúria mencionada, mas que também ofereceu sepulturas de várias morfologias construídas com *tegulae* (Matos 1987), tijolos e outros materiais. Saliente-se ainda que esta é uma das necrópoles algarvias onde está atestada a existência de enterramentos infantis em ânforas (Pereira e Albuquerque 2018: 102-107).

Embora se possa considerar que a necrópole estava destinada aos trabalhadores e serviçais da *villa*, certamente que entre os seus membros também haveria quem se destacasse social ou economicamente. Talvez por este motivo, no limite norte da necrópole, tenha sido construído outro mausoléu. Contrariamente ao mausoléu antes tratado, localizado fora da necrópole e mais próximo das residências da *villa*, este parecia estar destinado apenas a um único indivíduo, que uma violação impede saber se foi incinerado ou inumado (Matos 1984-1988: 120). Parecendo provável tratar-se de uma incineração, não seria inédita a coexistência de um mausoléu destinado a um enterramento desta natureza junto a sepulturas de inumados (Borréani e Brun 1990). Mais uma vez, o facto de apenas se terem conservado as fundações do edifício não permite assegurar a sua tipologia, que nos limitamos a inserir no amplo mundo dos monumentos funerários turriiformes (Ruiz Osuna 2009; Luis Liébana e Ruiz Osuna 2006).

Apesar das considerações, deve mencionar-se que a presença de uma estrutura funerária deste tipo numa necrópole não urbana é, de facto, inédita. Talvez por esse motivo, L. de Matos deixou nota das suas hesitações na interpretação do maciço de *opus caementicium* (1984-1988: 120). Neste contexto, mencionou ainda a canalização que passa junto à estrutura, sugerindo ter servido o culto funerário da necrópole, mas sem o relacionar com o maciço de argamassa. Não é fácil interpretar aquela estrutura sem outros dados. De facto, pode corresponder a um mausoléu, mas tampouco se podem excluir outras possibilidades, sobretudo se considerarmos a proximidade do canal do aqueduto que abastecia os equipamentos do assentamento. A relação da água com os espaços

funerários é bem conhecida (Heredia Bercero 2007: 33 e ss.) e era essencial para os rituais e manutenção dos sepulcros, motivo que justifica a presença de *lacus*, poços ou silos nas necrópoles.

Com independência disso, surpreende que a canalização do aqueduto faça uma curva tão acentuada para contornar a estrutura, quando na verdade se poderia ter evitado esse contorno. Esta situação parece evidenciar uma intenção clara de manter a estrutura do lado oposto à necrópole. O esforço e trabalho extra na construção daquela curva indicam que houve uma clara intenção ritualizada de separar ambas as realidades. Atendendo a que também o mausoléu em forma de templo se encontra do lado oposto ao da necrópole, não é descabido assumir que a presença do aqueduto representou uma separação artificial do espaço dos vivos e dos mortos. Esta fronteira está presente na maioria dos sítios rurais (Pereira, Soares e Soares 2013; Pereira 2018: 469-470), utilizando a topografia natural e as linhas hídricas existentes, mas que, no caso do Cerro da Vila, utilizou outras fórmulas. Esta separação pela água representava também uma medida profiláctica, além da evidente representação simbólica do rito de passagem dos rios Estige e Aqueronte, que dividiam o mundo dos vivos e o dos mortos.

Tal como aconteceu no caso da *villa* romana de Milreu, em Estoi, também para o Cerro da Vila é possível admitir uma profunda alteração dos espaços da morte a partir de momento indeterminado do século V d.C., que terá culminado no aparente abandono da necrópole nordeste, formando-se outra mais próxima da *villa*, implantada sobre uma anterior zona industrial (Teichner 2008: 399; Bernardes 2009: 338). Desconhecemos quais os motivos que terão justificado esta alteração geográfica das áreas funerárias, tendo sido já sugerido que pode ter sido fomentada pela presença de um edifício de culto nessa zona (Teichner 2008: 399).

Atendendo ao momento em que se dá esta transformação e a eventual presença de um edifício de culto, devemos forçosamente ponderar sobre uma forte influência do Cristianismo, que, a partir do século V d.C., se começa a desvincular dos espaços da morte pagãos e que está patente em vários sítios do Algarve (Pereira 2018: 494 e ss.). Todavia, estas comunidades necessitavam de estímulos que legitimassem tal desvinculação, situação que está bem documentada nos casos de edifícios de culto. Por outro lado, não é inédita esta implantação de espaços funerários em áreas antes ocupadas por estruturas industriais, que, num claro momento de retracção habitacional, se aproximaram dos espaços domésticos ou industriais, sobrepondo-se a esses edifícios. Mais difícil é determinar o momento em que esta nova necrópole se abandonou, sendo provável que será sincrónico com o abandono da própria *villa*.



## 4. CONCLUSÕES

Embora seja possível delinear um macropanorama muito sintetizado da evolução dos espaços da morte durante a ocupação romana do Cerro da Vila, este estudo fica aquém do que seria desejável para um assentamento desta importância. Datações mais concretas, estudos detalhados sobre a organização e eventual faseamento das necrópoles, espólio votivo, ou análises antropológicas são necessárias para que conheçamos com mais detalhe a população que habitou este aglomerado.

Apesar disso, o recente estudo integral das necrópoles romanas do Algarve (Pereira 2018) permite, ainda assim, determinar que existe um padrão mais ou menos uniformizado extensível a toda a região. Cerro da Vila não parece ser uma exceção, já que oferece os mesmos indícios que foram registados nas *villae* romanas mais bem conhecidas do Algarve. Todavia, isso não significa que não se possam averiguar eventuais disparidades, que podem dever-se a factores cronológicos, topográficos ou sociais, mas que pouco alteram a leitura geral.

A proximidade dos espaços funerários à *pars urbana* é, justamente, uma dessas disparidades. Geralmente as *villae* romanas da região implantaram as necrópoles principais a uma maior distância, na maioria dos casos separadas por uma linha de água natural. Cerro da Vila está afastada da necrópole a uma distância de pouco mais de 100 m e as instalações industriais estão a apenas cerca de 40 m. Na *villa* de Milreu, por exemplo, a necrópole está a uma distância de quase 300 m, no sentido oeste, e os mausoléus localizam-se na parte oposta.

Esta situação é, contudo, facilmente compreensível se tivermos em conta que estamos perante uma ocupação litoral. A presença do paleoestuário da Ribeira de Quarteira terá limitado consideravelmente a localização dos equipamentos, nomeadamente das necrópoles. Esta mesma situação pode ser constatada em outras *villae* litorais, como é o caso das *villae* de Castillo de la Duquesa, em Manilva, de Torreblanca del Sol e do Farol de Torrox, em Málaga (Beltrán Fortes e Rodríguez Oliva 2020: 75 e 83), Galineras – Cerro de los Mártires, em Cádiz (Díaz Rodríguez, Sáez Romero e Sáez Espligares 2020) ou El Eucaliptal, em Huelva (Campos Carrasco, Pérez Macías e Vidal Teruel 1999; Campos Carrasco et al. 2014).

Também se deve ter em consideração outras edificações que fariam parte dos equipamentos de serviço ao assentamento, como é o caso das vias (Figura 3) ou do aqueduto (cf. Figura 1). Estas infra-estruturas são conhecidas no Cerro da Vila e corroboram a ponderada planificação de cada um deles. Já foi mencionado que a necrópole, aqueduto e

a principal via de acesso se conjugam e articulam no mesmo espaço (Teichner 2017: 407; 2020: 554). Embora a relação entre vias de acesso e necrópole seja uma norma em época romana, sendo exemplo o caso da *villa* de Milreu, mais rara é a proximidade do aqueduto. Da mesma forma, a presença desta infra-estrutura estava limitada à topografia e altimetria das áreas disponíveis que, como se comentou, se restringem à área sul e leste do aglomerado.

A principal discrepância dos espaços da morte de Cerro da Vila com as restantes ocupações rurais do Algarve, reside justamente na presença da canalização de água que abastecia a *villa*. Consideramos que esta obra foi devidamente planificada para marcar uma clara separação entre a área residencial e industrial e a necrópole. Com efeito, na impossibilidade de marcar esta «fronteira» por um arroio natural, aproveitou-se esta canalização de água corrente como elemento ritual profilático que marcava uma separação entre ambos os mundos, o dos vivos e o dos mortos. Tal como sugeriu L. de Matos (1984-1988: 120), não é improvável que este canal fosse utilizado no culto funerário durante o *funus*. Da mesma forma, terá sido igualmente relevante nas datas de celebração fúnebre, na manutenção dos memoriais e na purificação de quem frequentava esse espaço.

**FIGURA 3**  
Reconstrução hipotética do paleoestuário da Ribeira de Quarteira com indicação da principal via de acesso à *villa* romana (a amarelo) e das necrópoles (J e H).  
(reproduzido a partir de Teichner 2017: 426, Fig. 12)



Somente desta forma podemos entender que o canal do aqueduto faça uma curva tão acentuada junto à estrutura de *opus caementicium* que foi interpretada como mausoléu. Aquela construção poderia simplesmente manter a direcção, passando a norte da estrutura, encaminhada para a *villa* em linha praticamente recta. Porém, chegada ao eventual mausoléu contorna-o pelo sul, saindo claramente do seu curso natural. Reparamos novamente que houve uma clara intenção de manter a necrópole e os mausoléus em lados distintos do curso de água. Com efeito, estes monumentos honoríficos não seguem a mesma norma das necrópoles comuns, estando mais próximos das *villae*. A mesma situação pode ser observada em Milreu, local onde os mausoléus tampouco estão separados da *villa* por qualquer tipo de curso ou canal de água.

Igualmente interessante é a evolução do mausoléu principal, em forma de templo. Conquanto essa tipologia seja a evidenciada pelas ruínas conservadas atualmente, os investigadores estão de acordo que antes deveria integrar outro tipo de tipologia (Matos 1984-1988: 119; Teichner 2008: 403; Pereira 2018: 381-383). Esta reforma e monumentalização do edifício pode estar relacionada com a própria expansão da *villa* e um maior destaque social do seu proprietário.

Todavia, sendo certo que o estado atual do conhecimento dos espaços da morte de Cerro da Vila consente a análise que se oferece, outras questões ficam por esclarecer. A título de exemplo, se considerarmos que da necrópole conhecemos um número total de enterramentos que ronda as sete dezenas, parece-nos que a demografia do aglomerado pode estar sub-representada, sobretudo se aquele valor for dividido por quatro ou cinco séculos de ocupação.

Da mesma forma, faltam-nos ainda dados concretos sobre a última necrópole do assentamento. Sabemos sensivelmente qual a sua localização e que a sua implantação nesse local pode ter sido estimulada pela presença de um edifício de culto, mas nada mais sabemos. Esta situação segue novamente um padrão que foi averiguado nos espaços da morte no território algarvio (Pereira 2018: 492 e ss.) e que se relaciona com uma presença e visibilidade cada vez mais evidente de novos cultos no registo arqueológico. Referimo-nos aos cultos orientais. Em alguns casos, como as *villae* de Milreu ou Quinta de Marim, esta relação é mais evidente, conhecendo-se espaços funerários em redor desses edifícios de culto e com evidentes enterramentos *ad sanctos*. Porém, não podemos assumir a mesma realidade para o caso de Cerro da Vila sem que se realizem novos estudos e eventuais trabalhos de campo.

## BIBLIOGRAFIA

- BELTRÁN FORTES, J. e RODRÍGUEZ OLIVA, P. (2020). Las villae litorales. In R. HIDALGO PRIETO (coord.), *Las villas romanas de la Bética* [Edição digital da primeira versão impressa de 2016]. Vol. I, pp. 69-92. Sevilha, Universidade de Sevilha.
- BERNARDES, J. (2009). As transformações no fim do mundo rural romano no Sudoeste peninsular: evidências e problemas arqueológicos (sécs. V-VII). *Anales de Arqueología Cordobesa*, 20, pp. 323-348.
- BORREANI, M. e BRUN, J. (1990). Une exploitation agricole antique à Costebelle (Hyères, Var): huilerie et nécropole (I<sup>er</sup> s. av. J.-C. - VI<sup>e</sup> s. app. J.-C.). *Revue Archéologique de Narbonnaise*, 23, pp. 117-146.
- CAMPOS CARRASCO, J., PEREZ MACIAS, J. e VIDAL TERUEL, N. (1999). El Eucaliptal, una necrópolis romana de pescadores (Punta Umbria, Huelva). *Huelva en su Historia*, 7, pp. 195-232.
- CAMPOS CARRASCO, J., FERNÁNDEZ SUTILO, L., O'KELLY SENDRÓS, J., HARO ORDÓÑEZ, J. e LÓPEZ DOMINGUEZ, M. (2014). Nuevas aportaciones sobre la necrópolis de El Eucaliptal (Punta Umbria, Huelva). *Economía, Comercio y sociedad a través de sus manifestaciones funerarias. Huelva Arqueológica*, XIV, pp. 1-30.
- CHIOFFI, L. (2005). «Sepulchra in extremis finibus... etiam in mediis possessionibus sepulchra faciunt». In B. SANTILLO FRIZELL e A. KLYNNE (eds.), *Roman villas around the Urbs. Interaction with landscape and environment*, pp. 125-133. Roma, The Swedish Institute in Rome.
- DÍAZ RODRÍGUEZ, J., SÁEZ ROMERO, A. e SÁEZ ESPLIGARES, A. (2020). Galineras – Cerro de los Mártires (San Fernando). In R. HIDALGO PRIETO (coord.), *Las villas romanas de la Bética* [Edição digital da primeira versão impressa de 2016]. Vol. II, pp. 94-106. Sevilha, Universidade de Sevilha.
- HEREDIA BERCERO, J. (2007). La vía sepulchralis de la Plaza Vila de Madrid. Un ejemplo del ritual funerario durante el alto imperio en la necrópolis occidental de Barcino. *Quarhis*, II.3, pp. 12-63.
- HESBERG, H. von (1994). *Monumenta. I sepulcri romani e la loro architettura*. Milán, Longanesi.
- LUIS LIÉBANA, J. e RUIZ OSUNA, A. (2006). Los monumentos funerarios de la Plaza de la Magdalena: un sector de la necrópolis oriental de Corduba. *Anales de Arqueología Cordobesa*, 17 Vol. I, pp. 297-324.
- MATOS, J. L. de (1984). *Cerro da Vila. Campanha de trabalhos arqueológicos 1984*. Relatório não publicado. S.I.
- MATOS, J. L. de (1984-1988). Mausoléus do Cerro da Vila. *Arqueologia e História*, 10-I/II, pp. 118-122.
- MATOS, J. L. de (1985). *Cerro da Vila. Campanha de trabalhos arqueológicos 1985*. Relatório não publicado. S.I.
- MATOS, J. L. de (1987). *Cerro da Vila. Campanha de trabalhos arqueológicos 1986*. Relatório não publicado. S.I.
- MATOS, J. L. de (1988). *Cerro da Vila. Campanha de trabalhos arqueológicos 1987*. Relatório não publicado. S.I.
- MATOS, J. L. de (1991). *Cerro da Vila. Campanha de trabalhos arqueológicos 1990*. Relatório não publicado. S.I.
- PEREIRA, C. (2018). *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. Suplemento a O Arqueólogo Português 9. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda – Museu Nacional de Arqueologia.
- PEREIRA, C. e ALBUQUERQUE, P. (2018). Inumações infantis em ânfora na Península Ibérica durante a época romana: a prática e o rito. *Spal*, 27, pp. 89-118.
- PEREIRA, C., SOARES, M. e SOARES, R. (2013). Os mausoléus da villa romana de Pisões: a morte no mundo rural romano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 15, pp. 305-323.
- RUIZ OSUNA, A. (2009). *Topografía y monumentalización funeraria en Baetica: conventus Cordubensis y Astigitanus*. Tese de doutoramento, não publicada. Córdoba, Universidade de Córdoba.
- TEICHNER, F. (2005). Cerro da Vila, aglomeração secundária e centro de produção de tinturaria no sul da Província Lusitânia. In *Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 17 e 18 de outubro de 2004)*, pp. 85-100. Xelb 5. Silves, Câmara Municipal de Silves.
- TEICHNER, F. (2006). Cerro da Vila: paleo-estuário, aglomeração secundária e centro de transformação de recursos marítimos. In *Simpósio Internacional Produção e Comércio de Preparados Piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica (Homenagem a Françoise Mayet)*, pp. 69-82. Setúbal Arqueológica 13. Setúbal, MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

TEICHNER, F. (2008). *Entre tierra y mar – Zwischen Land und Meer. Architektur und Wirtschaftsweise landlicher Siedlungsplätze im Süden der römischen Provinz Lusitanien (Portugal)*. Studia Lusitana 3. Merida, Museo Nacional de Arte Romano.

TEICHNER, F. (2017). Cerro da Vila: A rural commercial harbour beyond the Pillars of Hercules. In J. M. CAMPOS CARRASCO e J. BERMEJO MELÉNDEZ (eds.), *Los puertos romanos Atlánticos, Béticos*

y Lusitanos y su relación comercial con el Mediterráneo, pp. 403-435. Hispania Antigua, Serie Arqueológica 7. Roma, L'Erma di Bretschneider.

TEICHNER, F. (2020). *Loci Sepulcri in agro – La evidencia del proyecto VRB*. In. R. HIDALGO PRIETO (coord.), *Las villas romanas de la Bética* [Edição digital da primeira versão impressa de 2016]. Vol. I, pp. 551-574. Sevilha, Universidade de Sevilha.





ISBN 978-989-8978-46-2



9 789898 978462 >